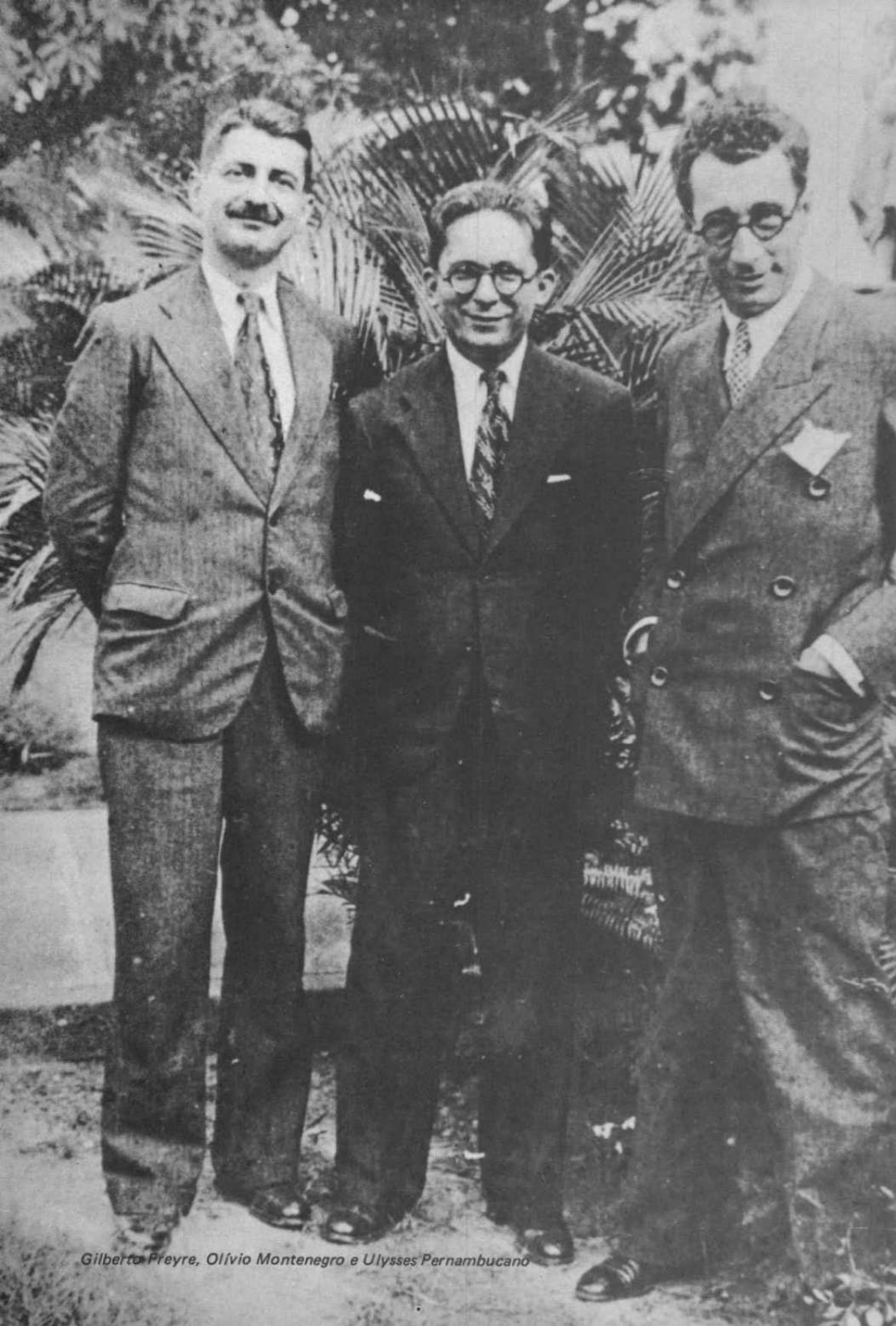

Gilberto Freyre, Olívio Montenegro e Ulysses Pernambucano

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 D. Sinhá e o Filho Padre

DONA SINHÁ E O FILHO PADRE

Ricardo Ramos

Artigo publicado em "O Estado de S. Paulo" de 29 de maio de 1965, Suplemento Literário, p. 1, sob o título "Realismo e empatia". O autor, nascido em Palmeira dos Índios, Alagoas, em 1929, estreou em 1954 com um livro de contos: *Tempo de espera*. Em 1957 publicou *Terno de reis* e em 1959 a novela *Caminhantes de Santa Luzia*.

Há livros que vagarosamente chegam ao leitor, pouco a pouco se revelando, para afinal impor sua descoberta. Há outros que tumultuados se colocam diante do público, logo de início favorecendo a controvérsia, uma pesada carga diversionista influindo no seu julgamento. Sim, existe uma literatura de feitio mais simples, outra de corte mais enignático. Isso, no entanto, nada tem a ver com a divisão entre lúcidos e mágicos, tão a gosto de alguns ensaístas. Pois o efeito que um livro pode causar, em termos de sua aceitação, muitas vezes excede os seus próprios limites, abrange o autor e a imagem que dele tem o público, a crítica, as arquibancadas da chamada vida literária. Será o caso desse recente *Dona Sinhá e o Filho Padre*, de Gilberto Freyre, obra de ficção que o escritor, modestamente, batizou de seminovela.

Aqui, o principal elemento de dispersão, quase um escolho a desorientar leitores e críticos, reside na figura do autor, solidamente aureolada em um terreno estranho à ficção. Com uma bagagem científica ilustre, o sociólogo de "Casa-Grande & Senzala", apesar de há trinta anos vir recusando honrarias e títulos alheios à sua condição de trabalhador intelectual, é sem dúvida, e por força desse mesmo trabalho, o que Sartre ao recusar o Premio Nobel chamou um "escritor institucionalizado". Ciladas que o destino arma, precisamente aos que se mostram avessos ao tambor e preferem a criadora atividade sem alarde. Entretanto, os caminhos da notoriedade são imprevisíveis, podem incluir as luzes da ribalta ou a face obscura. E os títulos reais de um escritor, os que se alinham como referência de uma obra, avultam independentes da sua atitude discreta. E' o que de-

certo aconteceu a Gilberto Freyre, o solitário mestre que do círculo provinciano se projetou no cenário nacional, galgou as culminâncias dos simpósios e reuniões internacionais como representante da nossa cultura. Se lembramos tais fatos, a essa altura da trejetória do escritor, é que ele agora, oficialmente, estréia na ficção — e sua novela, como seria de esperar-se, confunde um pouco os comentaristas de livros.

O desencontro da crítica a propósito de *Dona Sinhá e o Filho Padre*, sobre ser injusto, apesar de explicável, tem a agravá-lo os cuidados com que autor e editor cercaram êsse lançamento. No excelente prefácio de Osmar Pimental, vemos que se trata de uma "novela previsível", onde "ocorre a necessária convivência harmoniosa entre o psicológico, o social, o cultural, o histórico e o científico, sem que um deles se imponha, totalitariamente, aos demais". Está claro, não se pode recusar tal equilíbrio. Então por que duvidar, afirmando ser o livro novela e não sociologia, por que optar por ensaio e não ficção? E' um debate marginal, e principalmente sem novidade, pois já temos as suas chaves. Todavia vem sendo travado, com alguma inocência. Ora, para evitá-lo, além do prefácio e da orelha assinados por Osmar Pimental, o autor faz uma explicação final e uma advertência ao leitor, muito elucidativas. Isso para não falarmos da notícia biográfica, escrita em estilo bem humorado (imitando o do próprio Gilberto Freyre), que certamente pretende amenizar com informações mais leves (o escritor é admirador de São Francisco Xavier, tem uma especial ternura pela netinha, seu estilo vem sendo estudado por uma doutora americana como renovação estética da língua portuguesa) o forte lastro que representam a obra e a reperoussão do sociólogo. Na verdade se procurou evitar esse problema, o da glória do ensaísta interferindo com o ficcionista que se apresenta, desviando a atenção da crítica. Infelizmente não se conseguiu. E dizemos infelizmente porque essa discussão deixa em segundo plano o que nos parece o mais importante do livro, o seu tema e a maneira como foi tratado, das personagens que o vivem aos movimentos que estabelecem os seus roteiros e motivações.

A história levanta a figura de um seminarista, José Maria, nas suas relações com um ex-colega de colégio, Tavares, colocando as questões do homossexualismo, das distorções trazidas por uma educação mal orientada, uma formação católica um tanto caricatural, numa atmosfera que somente poderia agravar tais problemas. A par das personagens centrais, que se movem numa estreita faixa de frustrações, temos D. Sinhá, seu irmão Gaspar, criadagem e tipos populares, algumas outras criaturas de menor relevo. E os hábitos, as paisagens, o clima do Recife, um pouco mais recuado, mais princípio do século. O tema central, difícil de expor e ainda mais complicado de aprofundar, aqui aparece em um misto de sutilezas, retalhos de ambiência, cortes de costumes, um pano de fundo onde encontramos as referências do social. Mas a base de verdade com disfarces de ensaio, elemento de apoio que escora ação, não interfere com as personagens nem interrompe o evoluir do seu drama. O José Maria que vemos crescer em dubiedade, aflito, abrindo seus caminhos azuis e brancos, ganha contornos no exíguo e movediço terreno que a vida lhe impôs. É tão gente como D. Sinhá,

mãe e filho incompletos, não podemos localizar até que ponto por deformações de educação ou religiosas, por deficiências psicológicas ou de natureza estranha ao plano mental. O fato é que vivem, e suas vidas e andanças acham relevo no confronto com as de Tavares, de Gaspar, tão diferentes delas como diversas entre si. Os termos da análise dos caracteres, decerto colocados com mão firme, denunciam a organização do estudioso. Entretanto, isso não nos parece o que importa em *Dona Sinhá e o Filho Padre,* já que existe na novela uma extensa área além do ordenamento, uma zona de imponderável onde se exerce a ficção, o vôo largo, uma certa magia envolvendo o atormentado perfil de suas principais figuras. E' onde as águas do mar se repartem, azuis e verdes, e a traiçoeira côr de Iemanjá feita mulher se insinua, prende a imaginação e desperta o sexo do menino José Maria, confundindo-o, interferindo na morna presença da mãe Dona Sinhá e na calma transposição da mãe Nossa Senhora.

Se há no livro muito de angulação religiosa, será natural que exista, a par dessa determinante no comportamento de Dona Sinhá e seu filho, uma contraparte geral, espraiada em atitude de uma cidade, ou seja o intercalado ensaio da questão de Dom Vital. Se há no livro uma forte dose de sexo em exposição, será natural que também exista, paralela às hesitações e movimentos quase imperceptíveis de José Maria, toda uma face de relembrança de Joaquim Nabuco, menos como vulto histórico e mais como homem, mais como objeto de memória onde se avivam as pinceladas de uma bela figura de macho. Poderíamos dizer que esses trechos se acham desligados do fio central? Não nos parece, antes seriam reforços do assunto em pauta, um extravasar dos seus limites novelescos, perfeitamente comparável às referências que abrangem a história dos Wanderleys, os flagrantes do Pátio de São José do Ribamar, aquele remanescente de gente fidalga que decaira e casado com mulata criava passarinhos. Decerto as fronteiras são móveis, passamos sem perceber do ficcional para o costume, da teia subjetiva para a tomada exterior com elementos de histórico. Será um mal, será um bem? Não acreditamos deva ser essa a preocupação, o centro do que julgamos útil para que se estabeleça a validade da novela. O debate em torno do assunto, insistimos, tende ao ocioso. E o próprio autor previu tal aspecto, em uma espécie de conversa com o leitor, onde estabelece a sua vinculação a Defoe, ao realismo de Dickens, ao que chama "ultra-realismo empático". Esse posfácio, abstraindo-se mesmo o que venha servir a localização da novela, resulta em um interessante estudo, com observações curiosas de Gilberto Freyre sobre problemas literários.

Rejeitado o marginalismo tecnicista que interfere na apreciação de *Dona Sinhá e o Filho Padre,* vemos que no livro subsiste o emocionado edificar de um "amor proibido", com seus lances de ficção verdadeira porque verossímil. Já se escreveu, aliás, que ao tratar do tema Gilberto Freyre não caiu na apologia de Gide, nem na caricatura envergonhada de Proust. Sem dúvida que não. Mas esses nomes, por serem literariamente intocáveis, pouco nos ajudam a situar a novela pernambucana, que pelo estilo e pela concepção largamente se distancia de tais modelos. E' uma história onde o pungente não avulta sobre o colorido, nem

o construído se sobrepõe à feição mais espontânea, que flui dando a impressão de pura e boa crônica de costumes, mais para o dramático, é certo, mais também para o divagador, e no entanto sem que por um instante se atenue o agradável sabor da leitura. Neste particular, aliás, poderíamos aproximá-la do quase nunca lembrado Mário Sette, nos seus romances de recifense evocação e tão simpática simplicidade.